

## Poe-tando o Corvo

*Isa Mara Lando*

No início de 2001 o prezado colega Haroldo Netto lançou um desafio na lista Litterati, de tradutores literários, à qual pertenço: fazer uma nova tradução do famoso poema “The Raven” de E. A. Poe. Minha vontade de tentar foi imediata: amo Poe desde a adolescência, já traduzi outros poetas, como Baudelaire, Emily Dickinson e John Lennon, com resultados razoáveis, e como todo o mundo, também cometi meus poemas de juventude. Além disso já traduzi dois contos de Poe, “A Carta Roubada” e “Os Assassinos da Rua Morgue” (reunidos num livrinho bilingüe em edição Imago/Alumni). Essas versões me pareceram bastante satisfatórias, mostrando que minha afinidade com Poe me permitia, pelo menos, tentar. Como disse Chico Buarque, “a melhor inspiração é a encomenda”...

Comecei relendo as consagradas traduções de Fernando Pessoa e Machado de Assis\*\*. São belas, claro, sobretudo a de Fernando Pessoa, fiéis ao tom erudito do original, com belos momentos como “Noite, noite e nada mais” (FP). Mas por serem já antigas, e ambas de dicção lusitana, achei-as duras, difíceis, com palavras e frases que para um leitor brasileiro de hoje causam espécie e distanciamento, como:

“Tens o aspecto tosquiado”

“Por certo”, disse eu, “aquela bulha é na minha janela.”

“Libertar-se-á... nunca mais!”

“Vou sentar-me defronte ao Corvo magro e rudo”

LANDO, Isa M. *Poe-tando o Corvo*.

“Onde as tranças angelicais / De outra cabeça outrora ali se desparziam / E agora não se esparzem mais.”

Já foi dito que cada geração traduz de novo os clássicos, e é bom que assim seja. E ao constatar que circulam na internet não só estas como diversas outras traduções do poema, em verso e prosa, decidi fazer uma tentativa.

Alguém já disse que o primeiro verso de um poema é dado pelos deuses, ou soprado pelas musas. E de fato, ao mergulhar em “Once upon a midnight dreary...” ouvi distintamente,

Meia noite, noite escura

Hora de sombra e loucura...

Um bom começo - sonoro, evocativo, e em redondilha maior, um ritmo tão natural e familiar aos ouvidos brasileiros. Já estava dado o tom, o diapasão, o rumo da coisa toda. Outros versos logo surgiram:

Bate, bate bem de leve

Com batidas repetidas

(Era o Corvo, com certeza, batendo à minha porta, com batidas decididas, numa aliteração quase onomatopéica.) Entrando na segunda estrofe ganhei outro presente das musas: de bandeja, a rima remember /december, aliás aproveitada em muitas traduções:

Eu me lembro, bem lembro,

No triste mês de dezembro...

Um bom clima! O ritmo era hipnótico, e o espírito de Poe, nobre e solene, começava a respirar e ganhar vida. Surgia diante de mim a noite negra, o quarto atapetado, o poeta sofredor, a sombra da Casa de Usher, o gato emparedado, o coração delator. Fui ficando empolgada. E foi então que comecei a ouvir os versos na voz de Alceu Valença, e também dos geniais repentistas nordestinos que certa vez assisti num desafio, numa feira no Ceará. Foi Alceu Valença quem me soprou,

Jóia rara, tão fugaz,

Leonor, pra nunca mais!

“Leonor” - eis uma solução simples e eufônica para “Lenore”, mais maleável do que a “Lenora” de Machado. (Fernando Pessoa - que curioso! - deixa a donzela sempre “nameless” - “sem nome aqui jamais”.) “Leonor”, um nome curto, rima com dor, horror, terror - tudo que eu precisava.

O poema ia assim ganhando forma, com dicção marcadamente brasileira. Acolhi essa vertente de braços abertos: o terror não tem pátria, e pode-se sentir em qualquer lugar, seja em Londres, Baltimore, Nova York ou Fortaleza, o pavor de ver entrar pela janela - meia-noite, noite escura, hora sem sono e sem paz - uma negra criatura que só fala “Nunca Mais”.

Continuei assim num semi-transe, meio que servindo de “cavalo” para os repentistas cearenses, Fagner, Chico Buarque, Chico César... No final da estrofe Alceu Valença soltou um nítido grito, com um forte acorde dissonante:

“Escuridão - nada mais!”

O poema bradava, abria as asas, ganhava força, vigor, vida própria. Enquanto a madrugada avançava eu ouvia, mentalmente, as vozes brasileiras. E sobretudo, lá no fundo da mente, o ritmo constante de um poema que amo muito, “A Morte de Madrugada”, de Vinícius de Moraes\*\*\*:

Uma certa madrugada  
Eu por um caminho andava  
Não sei bem se estava bêbado  
Ou se tinha a morte n’alma....

...Com o peito de dor rompido  
Me quedei, paralisado.....

Prosegui embalada pelas redondilhas, dando-me liberdade, sem me importar com o esquema original das rimas, rimando como dava e quando dava, procurando captar o clima do poema, a dramaticidade que sobe num crescendo incessante, até

LANDO, Isa M. *Poe-tando o Corvo*.

chegar à estrofe 15, onde de novo a voz de Alceu Valença lança outro brado de angústia:

Profeta, bicho ruim -  
Mas profeta mesmo assim!

chegando ao clímax na 17, onde o poeta solta esses gritos dilacerados,

Deixa a minha solidão!  
Deixa o busto de Minerva!  
Solta meu coração!  
Sai fora da minha porta  
Vai embora daqui, ave torta  
Vai sem olhar pra trás!

São os célebres versos de Poe que inspiraram a ilustração de Gustave Doré

Leave my loneliness unbroken! - quit the bust above my door!  
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off  
my door!

A solução de Fernando Pessoa é sonora, mas nela não se vê bico ou garra:

Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!  
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!  
Machado de Assis aqui foi menos afortunado, pelo menos  
para o gosto brasileiro moderno:  
Tira-me ao peito essas fatais  
Garras que abrindo vão a minha dor já crua.

Depois dessa memorável noite - que no meu caso não foi escura, mas iluminada por uma bela lua cheia entrando pela janela - passei uns bons quinze dias obcecada, burilando os versos sem parar. Já desligada do original, sentia o poema em português ganhando corpo e adensando a alma - uma alma vibrante, inteira, própria, que já se revelara desde as primeiras palavras que me foram sopradas.

Fiquei, enfim, passavelmente satisfeita com o resultado, como acredito que deva estar também Mr. Poe, na alta nuvem em que hoje habita. Declamado em voz alta, como já tive a oportunidade de fazer, o poema em português funciona, faz bom efeito. A maior crítica que lhe faço é que, bem ao contrário do original, as rimas que consegui são pedestres - porta, torta, morta; nunca mais, demais, jamais. Há também duas grandes licenças poéticas - um acréscimo ao original e um verdadeiro erro conceitual - que deixo por conta do leitor descobrir, mas que a meu ver não atrapalham, só ajudam. Enfim, na frase de Cícero, "Feci quod potui, faciant meliora potentes" - "Fiz o que pude, faça melhor quem puder".

Aqui vai, então, o Corvo de Poe, "que cobri de redondilhas" numa noite de luar. Espero que desfrutem. Críticas e observações serão muito bem-vindas.

○ CORVO (1845)

Para a voz de Alceu Valença -  
Um trovador de presença  
Que sabe cantar chorando,  
Ou p'rum velho repentista  
Que lá no Nordeste exista  
E saiba triste cantar  
As angústias do Edgar.

1

Meia-noite, noite escura  
Hora de sombra e loucura  
Estou eu meditando,  
Em devaneio profundo  
Velhos papéis a estudar  
De sono cabeceando  
E já quase dormitando  
Quando alguém me bate à porta  
— Bate, bate, bem de leve —  
Com batidas repetidas  
Quem será, nessa hora morta  
Que veio me procurar?  
Deve ser visita breve  
— Bate, bate, bem de leve —  
Uma visita de paz  
Deve ser visita breve  
É só isso, nada mais.

2

Eu me lembro, bem me lembro  
No triste mês de dezembro  
Cada brasa da lareira  
Uma sombra projetava  
E seu fantasma lançava  
Pelo chão a se arrastar.  
Esperando o amanhecer  
Em vão eu tentava obter  
Nos livros da minha estante  
Consolo pra minha dor  
A dor de perder Leonor  
A jovem bela, radiante  
Que os anjos chamam Leonor  
Jóia rara, tão fugaz  
Leonor, pra nunca mais.

3

Cortinas de seda roçavam  
E minh'alma ameaçavam  
Com fantásticos terrores  
Temores que nunca senti.  
Pra parar meu coração  
Que batia feito louco  
Fiquei repetindo um pouco:  
"É uma visita que chega  
Esperando ali na porta,  
Chegou nessa hora morta  
Mas visita mal não faz  
É só isso, nada mais."

4

Ganhei coragem e disse,  
"Meu senhor — minha senhora?  
Queira me desculpar  
Eu dormitava inda agora  
Suas batidas tão leves  
Não consegui escutar.  
Apesar da hora morta  
Vou lhe abrir a minha porta  
Vamos ver o que me traz."  
Fui e escancarei a porta —  
Escuridão, nada mais.

5

Espiei a noite escura  
Curioso, temeroso  
Tomado por devaneios  
Que ninguém ousou sonhar.  
Só o silêncio me encarava  
E a única palavra  
Que ali foi sussurrada  
Bem de leve murmurada  
Foi um nome: "Leonor?"  
Foi o que eu disse baixinho  
A resposta o eco traz —  
Disse o eco, "Leonor!"  
Foi só isso, nada mais.

6

Voltei então para o quarto  
Dentro de mim tudo ardia  
Logo alguém bateu à porta  
Mais forte agora batia.  
Com certeza é a janela  
O vento na gelosia  
Vamos ver o que há lá fora  
Que ameaça vem agora  
Calma, meu coração  
Não bate tanto assim não  
Vou explorar esse mistério  
Esse mistério tenaz  
Vou explorar esse mistério —  
É o vento, nada mais.

7

Abro a janela e ouço  
Um esvoaçar de asas —  
De súbito entra um Corvo  
Solene pássaro antigo  
Negro viandante arribado  
Lá do fundo do passado  
E sem dar nenhum sinal  
De querer falar comigo  
Feito ilustre cavalheiro  
— ou talvez fosse uma dama —  
Voou — eu levei um susto —  
Passou por cima da cama

Chegou no alto da porta  
E foi pousar bem no busto  
Da deusa Palas Atena —  
— Deusa da sabedoria  
Que os meus atos vigia  
A que não dorme jamais  
Acima da minha porta  
Pousou ali, nada mais.

8

Negro pássaro de ébano  
Um sorriso me arrancou  
Ancião de terno preto  
Com jeito de professor  
“Tu não és nenhum covarde,  
Corvo antigo que chegaste  
Do reino da Noite escura  
Nessa hora negra, tão tarde  
Hora de sombra e loucura  
Hora sem sono e sem paz  
Qual é o teu nome, pergunto,  
Teu nome de grão-senhor  
Como é que eles te chamam  
Lá na Terra de Ninguém  
De onde todo corvo vem?”  
Disse o Corvo, “Nunca Mais”.

9

Fiquei pasmo, aturdido  
Ouvindo um bicho tão feio

Falar com tanta clareza  
Mesmo sem fazer sentido  
Pois qual é a criatura  
Um mortal entre os mortais  
Que já viu, em noite escura  
Um animal, uma ave  
Chegar em hora tão morta  
Voar pra cima da porta  
Pousar em cima de um busto  
E se chamar "Nunca Mais"?

10

Mas o Corvo ali sozinho  
É só isso que falava  
Como se toda a sua alma  
Coubesse numa palavra  
Numa palavra cabia  
Pois mais nada ele dizia  
E nem uma pena negra  
Aquele bicho mexia.  
Até que eu falei baixinho,  
"Outros amigos partiram  
Se foram cedo demais  
Este vai partir na aurora  
Qual meus sonhos de rapaz,  
Que também já foram embora."  
Disse o Corvo: "Nunca Mais!"

11

Espantado com a resposta  
— Só ela quebrava o silêncio —  
Com certeza, pensei eu,  
Ele só fala de cor  
Com outro mestre aprendeu —  
— Alguém que muito sofreu  
Angústia, pesar e dor  
Destino amargo demais  
E já morta a Esperança  
Só lhe restou na lembrança  
Uma triste litania  
Feita de melancolia,  
Feita só de “Nunca Mais”.

12

Mas o Corvo, sério e grave  
De novo me fez sorrir  
Puxei cadeira e almofada  
Sentei diante da porta,  
Da porta, do busto e da ave.  
Recostado no veludo  
Pensei bem naquilo tudo  
O que ele queria dizer?  
Qual a intenção desse bicho  
Tão negro, tão magro, tão feio  
Triste e solene demais,  
Ave de mau agouro  
Que entrou no meu devaneio  
Grasnando seu “Nunca Mais”?

13

E fiquei ali pensando  
Só pensando, sem falar.  
Os olhos do bicho, em brasa,  
No peito me penetravam  
E o meu mais fundo queimavam.  
Mergulhei num devaneio  
A cabeça para trás  
Reclinada, a descansar  
No macio da almofada —  
Roxo veludo brilhante  
Com seu reflexo cambiante,  
Roxo veludo brilhante  
Que ela não vai mais tocar  
Não tocará nunca mais!

14

Nisso o ar ficou pesado  
Com o incenso perfumado  
De serafins que entravam  
E bem de leve pisavam  
No meu quarto atapetado.  
Gritei "Desgraça! O teu Deus  
Com esses anjos mandou  
Um santo remédio pra dor  
Alívio do sofrimento  
O bendito esquecimento  
Pra não lembrar de Leonor!  
Bebe logo esse remédio

E não penses nela mais  
Esquece tua Leonor!"  
Disse o Corvo, "Nunca Mais!"

15  
"Profeta, bicho ruim!  
Mas profeta mesmo assim  
Sejas pássaro ou diabo  
Se o Tentador te mandou,  
Ou se alguma tempestade  
Nestas plagas te jogou  
Ave noturna, soturna  
Mensageiro do Terror  
Aqui nessa terra deserta  
Nessa terra enfeitada  
Nesse lar mal-assombrado  
Mal-assombrado de Horror  
Te imploro, diz a verdade!  
Um bálsamo ali existe?  
Fala comigo, ave triste!  
Responde, se és capaz!"  
Disse o Corvo, "Nunca Mais!"

16  
"Profeta, bicho ruim!  
Mas profeta mesmo assim  
Se és pássaro ou diabo,  
Pelo Céu que contemplamos  
E pelo Deus que adoramos  
Responde a esta pobre alma

Carregada de pesar!  
Existe um lugar no mundo  
Mesmo no abismo profundo  
Mesmo distante demais  
Onde minh'alma cansada  
Doente de tanta dor  
Um dia volte a enlaçar  
A jovem santificada  
A donzela bem-amada  
Que os anjos chamam Leonor?"  
Disse o Corvo, "Nunca Mais".

17

"Seja este o nosso adeus,  
Pássaro, ou inimigo!"  
Gritei eu me levantando,  
"Volta pra tempestade  
Pras negras margens da Noite  
Sem deixar nenhum sinal  
Nenhuma pena, nem sombra  
Dessa mentira, esse mal  
Que a tua alma falou!  
Deixa a minha solidão!  
Deixa o busto de Minerva!  
Solta meu coração!  
Sai fora da minha porta  
Vai embora daqui, ave torta  
Vai sem olhar pra trás!  
Disse o Corvo, "Nunca Mais!"

18

E ali está o Corvo, parado  
Sempre quieto, só pousado  
No busto de Pallas Atena  
Acima da minha porta.  
Pelos olhos mais parece  
Um demônio ali sonhando.  
A lâmpada alumiando  
A sua sombra me traz,  
E a minha alma da sombra  
Que flutua pelo chão  
Não se erguerá — nunca mais!